

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS – UNIFAL/MG

SILAS PAIXÃO MENDES

**PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA LINGUÍSTICA: REGISTRO DE EXPRESSÕES
IDIOMÁTICAS DO POVO DE ELÓI MENDES/MG**

ALFENAS/MG

2018

SILAS PAIXÃO MENDES

**PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA LINGUÍSTICA: REGISTRO DE EXPRESSÕES
IDIOMÁTICAS DO POVO DE ELÓI MENDES/MG**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL/MG para obtenção do título de Licenciado em Letras – Português.

Orientador: Dr. Celso Ferrarezi Júnior.

Área: Semântica.

ALFENAS/MG

2018

SILAS PAIXÃO MENDES

**PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA LINGUÍSTICA: REGISTROS DE EXPRESSÕES
IDIOMÁTICAS DO POVO DE ELÓI MENDES/MG**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL/MG para obtenção do título de Licenciado em Letras – Português.

Orientador: Dr. Celso Ferrarezi Júnior.

Área: Semântica.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Celso Ferrarezi Junior

Assinatura: _____

Prof. Robson Santos de Carvalho

Assinatura: _____

Prof. Rosângela Rodrigues Borges

Assinatura: _____

Dedico esta monografia especialmente à três pessoas:

Ao professor Ferrarezi, meu orientador e principal referência na academia, que confiou a mim a participação na construção do seu projeto.

Ao meu avô paterno, José Reis Mendes, o “Zé Paixão”, por ser um dos grandes detentores das riquezas culturais de Elói Mendes e por ter transmitido aos seus filhos e netos a importância dos movimentos culturais e da preservação da nossa identidade eloiense.

Ao meu avô materno, o saudoso senhor Joaquim Teodoro, por ter sido a minha maior referência de ser humano, e por ter sido o maior transmissor da cultura rural do nosso município, além de ter sido fonte de grande parte dos dados usados nessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Sou grato à muitas pessoas por este trabalho, que fala sobre o meu povo e as minhas origens, e também por esta monografia representar a realização de um dos meus grandes sonhos que é o de me formar professor. Agradeço, portanto:

Aos meus familiares, que me deram um grande suporte em todos os momentos da graduação;

Aos meus amigos, em especial àqueles da minha turma de 2014, estendendo também aos queridos Jhon, Malu, Maíra, Jussara e Gleici, que foram tão cruciais nesses cinco anos de estudos;

Aos meus amados alunos da Escola Júlia Camões, por serem o motivo maior da minha luta pela educação, e também aos meus colegas de trabalho do Pré-Escolar Cirandinha e da Escola Luísa Carneiro, por me propiciarem um tempo de tanto aprendizado;

Ao meu mestre Celso Ferrarezi, que me orientou não somente neste trabalho, mas em tudo o que diz respeito à minha profissão e vocação;

Aos professores do curso de Letras, especialmente à Rosângela, ao Robson, ao Eloésio e ao Elias, que tanto acrescentaram à minha vida com seus ensinamentos e por me incentivarem a seguir o caminho da produção de conhecimento;

Ao povo eloiense, que foi a base para esse trabalho e que são a base de uma cidade que é tão cheia de riquezas culturais;

Especialmente à minha amiga Michelle, que foi uma das grandes e mais bonitas surpresas que a UNIFAL trouxe pra minha vida, pela nossa história de tantas risadas, lágrimas e, agora, de vitórias compartilhadas.

Ora, se abrísssemos os ouvidos, se encarássemos os fatos, eles nos mostrariam uma coisa óbvia: que todos os que falam sabem falar. Pode ser que falem de formas um pouco peculiares, que certas características do seu modo de falar nos pareçam desagradáveis ou engraçadas. Mas isso não impede que seja verdade que sabem falar. (...) É claro, falarão como se fala nos lugares em que eles nascem e vivem, e não como se fala em outros lugares ou entre outro tipo de gente. Logo, falam seus dialetos. Logo, sabem falar.

(Sírio Possenti, 1996)

RESUMO

O estudo do léxico de um determinado recorte geográfico possibilita o registro da herança sociocultural de uma comunidade e do patrimônio linguístico de seus antepassados, que podem ou não se manter vigentes nos discursos mais atuais. O objetivo deste trabalho foi colher o maior número de Expressões Idiomáticas (EI) – preferencialmente faladas e reconhecidas por cidadãos de idade mais avançada – a fim de contribuir para a preservação da riqueza e da singularidade linguística do povo eloienense. Esse estudo mostra uma maneira de manter viva e registrada parte da afortunada herança sociocultural do município, o que só faz comprovar a mutabilidade do léxico por causa da cultura – mutabilidade esta que é percebida na interação social, que se utiliza de um conjunto de palavras e expressões comuns a uma determinada comunidade linguística.

Palavras-chave: Expressões idiomáticas. Semântica de Contextos e Cenários. Falares regionais. Marcas identitárias. Dicionários.

ABSTRACT

The study of the lexicon of a certain geographic clipping allows the registration of the social and cultural heritage of a community and the linguistic heritage of its ancestors, which may or may not remain valid in the most current discourses. The objective of this work was to collect the largest number of idioms (EI) - preferably spoken and recognized by older citizens - in order to contribute to the preservation of the wealth and linguistic singularity of the Elói Mendes city's people. This study shows a way to keep alive and recorded a significant social and cultural heritage of the city, which only proves the mutability of the lexicon because of culture - this mutability is perceived in social interaction, which uses a set of words and expressions common to a particular language community.

Keywords: Idioms. Semantic of Contexts and Scenarios. Regional speeches. Identifying's marks. Dictionaries.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. A Semântica de Contextos e Cenários (SCC)	3
3. Perspectivas Culturais	6
4. Expressões Idiomáticas	8
5. Metodologia	11
6. Resultados obtidos	14
<i>Quadro 1: Lavar a pôrda</i>	14
<i>Quadro 2: Sorardo</i>	15
<i>Quadro 3: Sarandi</i>	15
<i>Quadro 4: Passa na pinguela</i>	16
<i>Quadro 5: bater e valer</i>	17
<i>Quadro 6: Cagou na couve</i>	18
<i>Quadro 7: Carne de apá</i>	19
<i>Quadro 8: Colocou o bêbado pra vomitar</i>	19
<i>Quadro 9: Cortei um doce</i>	20
<i>Quadro 10: Égua atrás do toco</i>	21
<i>Quadro 11: Muntô no porco</i>	21
<i>Quadro 12: trepar na arma</i>	22
<i>Quadro 13: Véia debaixo da cama</i>	22
7. Considerações Finais	25
8. Referências Bibliográficas	26
9. Anexo	28

1. Introdução

O estudo das expressões idiomáticas (EI) particulares da cidade de Elói Mendes (MG) se mostra importante a partir da compreensão de que o léxico idiomático de um povo muda constantemente e pode se perder com o tempo, embora, naturalmente, carregue traços das gerações anteriores. Assim, o objetivo deste trabalho foi colher o maior número de EI – preferencialmente faladas e reconhecidas por cidadãos de idade mais avançada – a fim de contribuir para a preservação da riqueza e da singularidade linguística do povo eloienense.

A identidade de um povo é indubitavelmente marcada pela sua maneira particular de se comunicar. As EI próprias de qualquer grupo, portanto, marcam a sua maneira de exprimir aquilo que não possui uma palavra própria costumeira e suficiente, assim como Gonzales (2006) defende ao dizer que

Muitas vezes a agramaticalidade ou a inaceitabilidade de enunciados resulta do fato de não encontrarmos situações adequadas para 'gramaticalizar' ou tornar 'acessíveis' esses mesmos enunciados. Essa **pode** ser uma das razões pelas quais as **EI** entram na língua: atender a uma necessidade comunicativa, de maneira mais ou menos compacta, visto que não há na língua elemento ou conjunto de elementos (lexemas) que retrate a situação com a mesma fidelidade expressiva. (GONZALES, 2006, p. 37)

Mais do que isso, uma EI é uma construção de cujas partes não se pode depreender o sentido do uso, o que a torna convencionalizada, ou seja, com significado semanticamente convencionalizado (TAGNIN, 1989; NOGUEIRA, 2008).

A cultura de um povo atravessa a sua maneira de falar e, conforme Ribeiro (2010, p. 35), não há língua bem estabelecida que não seja influenciada pela cultura, pela realidade social da comunidade que a utiliza. Oliveira (2004, p. 39) defende que a língua popular é modificada pelos seus usuários de todos os níveis sociais, com destaque para os moradores de zonas rurais e comunidades menos favorecidas social e culturalmente, o que se coaduna com o perfil da maior parte dos entrevistados para este estudo.

Esta pesquisa, portanto, foi realizada a partir de uma das teorias das Semânticas Culturais, chamada Semântica de Contextos e Cenários, pois acredita-se que todas as EI atribuídas a quaisquer grupos precisam ser analisadas considerando o que está a envolvê-la – aqui, o contexto (dimensão linguística) e o cenário (dimensão

extralinguística) em que foram inseridas –, afinal, elas foram e são construídas em um ambiente interlocutivo que é sócio-histórico e cultural.

Conforme Ferrarezi Junior (2010, p. 169), nenhuma língua natural possui, para cada sentido que precisa construir, uma palavra específica que só seja usada em relação a um e único significado. A partir desta constatação, define-se as EI são, conforme a definição de Gonzales (2006, p. 54), “um meio de expressão cheio de vida, dinâmico, versátil, e, sobretudo, funcional” de expressar fielmente os sentimentos e emoções que as palavras disponíveis do léxico já consagrado não dão conta.

2. A Semântica de Contextos e Cenários (SCC)

A Semântica de Contextos e Cenários (SCC) é uma teoria semântica brasileira que parte do conceito de língua natural “como um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos” (FERRAREZI JUNIOR, 2010, p. 12). Dessa forma, a língua se constitui, se constrói, funciona e interfere em nossa própria visão do mundo na medida em que precisamos representar com ela as coisas que nos cercam, ou seja, os nossos mundos (tanto aquele em que vivemos - da forma que o vemos - como aqueles que podemos imaginar). E, por isso, uma língua precisa ser entendida como um sistema aberto, que se alimenta e se retroalimenta da própria relação do homem com esses mesmos mundos.

Isso implica dizer que a língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressão adequadas em todas as situações imagináveis (FERRAREZI JUNIOR, 2010). Mas deve-se notar que a língua também é uma construção humana e, por isso, faz parte da cultura e, ao mesmo tempo, ajuda a construí-la.

Trata-se de uma relação indissociável em três níveis (no mínimo), uma interinfluência: nosso pensamento, nossa cultura já estabelecida e a língua que falamos, em que todos os elementos influenciam e alimentam os demais enquanto se retroalimentam.

O sentido é, portanto, um valor de uso atribuído a um sinal linguisticamente constituído, de forma a funcionar como uma ponte entre o sinal e os elementos por ele representados no mundo real ou em mundos possíveis. O sentido é culturalmente determinado, pois é constituído sócio-historicamente no âmbito de uma cultura e, portanto, engloba os valores da comunidade linguística dos falantes.

O *contexto*, segundo o mesmo autor, é todo o material linguístico que está no entorno da palavra, que precede e sucede aquilo que é dito e que é acionado quando o sentido mais corriqueiro não preenche as lacunas da compreensão (FERRAREZI JUNIOR, 2010, p. 116-117).

Porém o contexto não consegue dar conta de todos os aspectos do sentido e, então, temos o *cenário*, que é compreendido pelo autor como todo o conjunto situacional da interlocução. É onde encontram-se os detalhes da cena, que são “lidos” e conjugados pelos falantes para a compreensão da produção linguística em questão (FERRAREZI JUNIOR, 2010, p. 116-117).

A SCC estabelece, como máxima, que os sentidos de um sinal linguisticamente considerado apenas se especializam em um contexto e que os sentidos contextuais se especializam apenas em cenários possíveis (reais ou imaginários) de enunciação. Trata-se do Princípio da Especialização dos Sentidos – PES:

Especialização de sentido é a definição exata do sentido (e do sentido i) associado a um sinal-palavra em uso. Ou seja: um sinal-palavra x, em um contexto y e em um cenário w, devidamente identificados e definidos, estará associado e um e apenas um sentido s e, portanto, servirá para representar uma e apenas uma visão de referência v, e não outra, em um mundo m. (FERRAREZI JÚNIOR., 2010, p. 113)

Adotar essa máxima cria a necessidade:

- a. de compreensão das dimensões linguística (*sinal*¹ tomado linguisticamente e *contexto*²) e extralinguística (*cenário*³) que estão envolvidas em cada enunciação e;
- b. da interseção dessas dimensões para a elucidação das formas de especialização dos sentidos dos sinais (os sinais, em nossa língua, são principalmente a *palavra* e tudo o que a acompanha – melodias, gestos, ordem de composição etc.).

Tendo essa máxima em vista, a SCC se desenvolve em busca de sentidos outros que não apenas os sentidos referenciais, que apontam para uma “extensão de significado” nos moldes clássicos de uma Semântica Formal, ou para condições de verdade, como proposto por semânticas verifuncionais.

Quando se aplicam os pressupostos e os métodos da SCC, importam os valores e aspectos mais amplos da cultura, as “sensações de sentido” (como certo, errado, adequado, inadequado, bom, ruim, engraçado, triste etc.), os valores morais, éticos e outros de natureza ideológica que interferem em nossa visão do mundo e do

¹ O sinal é considerado como sendo qualquer elemento significativo por meio do qual expressamos um sentido e designamos uma referência. É mais do que a palavra, mas é também a palavra. Inclui todos os recursos linguísticos disponíveis associados à palavra, bem como melodias e elementos não verbais.

² [...] como o nome sugere, o que vem antes e depois da palavra, o restante do texto, o texto que precede e sucede o próprio texto, o texto que se junta e que referencia o texto, num entrelaçar de palavras em textos que acabam formando o complexíssimo conjunto de sinais interligados que procuramos entender quando nos comunicamos. (FERRAREZI JÚNIOR, 2010, p.116-117)

³ [...] além de um conjunto de conhecimentos culturais e de um processo de atribuição de sentidos progressivos em um roteiro cultural [...] todos os fatores relevantes do ponto de vista dos interlocutores para a especialização dos sentidos dos sinais. Esses fatores incluem todo o complexo conjunto situacional que envolve a enunciação, desde as roupas de quem enuncia (isso é relevante, por exemplo, num ato de pedido de namoro) até elementos fortuitos que se relacionem de qualquer forma ao que se enunciou (como um avião que passa por sobre os falantes na hora da enunciação, se, de qualquer forma, esse fato interferir no processo de especialização do sentido). (FERRAREZI JÚNIOR, p.116-117)

que nele acontece, enfim, qualquer dimensão de sentido que se possa auferir a partir de uma expressão linguística.

3. Perspectivas Culturais

Conforme Ribeiro (2010), língua e sociedade somente existem em conjunto. A língua é utilizada por uma sociedade que, por sua vez, somente se comunica a partir de uma língua. Valores, ideias e experiências de uma sociedade somente podem ser e são, de forma majoritária, expressos e perpetuados pela comunicação, ou seja, por intermédio da língua. Gonzales (2006) concorda com essa assertiva ao pontuar que

importa dizer que a linguagem também é produto da cultura de um povo e, é por meio dela que as **EI** se perpetuam, principalmente se levarmos em conta que elas carregam ensinamentos, moral, testemunhos, independentemente de classes sociais. (GONZALES, 2006, p. 19)

Antes mesmo de começar a explorar as EI que ficaram arquivadas em materiais bibliográficos ou que perduram na língua de um povo, faz-se fundamental entender que a língua é entrelaçada pela cultura e, não fosse essa relação, o estudo das EI seria limitado a sua estrutura linguística e, como as EI formam uma categoria de expressões que não são compreendidas por seus constituintes, torna-se impossível uma análise satisfatória que parta somente da dimensão sistêmica da língua, de sua estrutura e léxico comuns, assim como já diz Gonzales (2006) ao defender que

A decomposição dessas expressões levaria à perda do sentido, pois sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos seus elementos que, quando se combinam, adquirem um novo significado metafórico. O processo de cristalização torna-as *estáveis* em seu significado e a frequência do seu emprego *lexicaliza*-las, enraizando-se na linguagem do dia-a-dia. (GONZALES, 2006, p. 55)

Assim, como diz Cordeiro (2011), os estudos lexicais são importantes por se tratarem da área que contemplam os aspectos culturais e sociais de um determinado povo. Os dados dos estudos de léxico regional podem “fornecer (...) elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo” (Isquierdo, 2001 APUD Ribeiro, 2010, p. 36).

O vínculo entre língua e cultura é permeado, conforme Ribeiro (2010), pelas ocorrências da vida cotidiana dos falantes, que usam e nomeiam tudo aquilo que compõe o seu universo e que sofre alterações constantes. Estudar o léxico de um povo permite perceber que os falantes usam de sua criatividade para significar e ressignificar todas as coisas de acordo com suas necessidades interacionais, além de poder registrar a maneira como os povos usam as palavras para refletir “cultura,

normas sociais, tradições, visões de mundo, experiências (...) testemunho da própria história” (RIBEIRO, 2010, p. 36).

Em função disso, pretende-se, com este estudo, manter viva uma parte significativa da cultura linguística. Cordeiro (2011) também considera que os estudos lexicais auxiliam na preservação de memória do povo, pois a língua é detentora de toda a sua particularidade – a identidade de uma comunidade de fala –, que é aquilo que torna um povo diferente de outros, além de poder ser a abertura para o conhecimento da cultura, dos costumes e das crenças da comunidade em questão. É importante atribuímos importância a toda esta riqueza pois, segundo Gonzales (2006),

Ao focalizar o enriquecimento vocabular de uma língua é imprescindível a presença das **EI**. Reconhecendo o contributo que essas expressões trazem ao léxico e à linguagem (...) considerando as **EI** como decorrentes de processos cognitivos - metáfora, comparação e analogia - que indicam formas de se ver e de se conceber a realidade. Logo, expressam representações sociais e manifestações culturais, revelando a identidade de um povo (...) (GONZALES, 2006, p. 43)

A pesquisa foi realizada no município de Elói Mendes, localizado no Sul de Minas Gerais, a 328 km da capital Belo Horizonte. Seus municípios limítrofes são Três Pontas, Paraguaçu, Cordislândia, Monsenhor Paulo e Varginha. Possui quase 27 mil habitantes segundo o censo do IBGE de 2013. A cidade também já recebeu os nomes de Espírito Santo da Mutuca, Espírito Santo do Pontal e Mutuca.

Para a realização da pesquisa, iniciamos com um levantamento bibliográfico sobre o estudo das EI, como veremos na seção seguinte, por meio das perspectivas culturais que as abarcam, tendo como teoria de referência a Semântica de Contextos e Cenários. Após esse levantamento, partiu-se para a coleta de dados, contemplando registros literários e entrevistas com moradores da cidade de Elói Mendes.

4. Expressões Idiomáticas

Estudar EI viabiliza um mergulho no universo cultural que envolve toda a estrutura das línguas de uma forma mais ampla. Pode-se dizer isso porque as EI são manifestações próprias de cada povo e, assim como dizem Cunha e Ferraz (2010), seus significados são compreendidos somente quando o interlocutor conhece e está inserido na realidade extralinguística de onde provêm as expressões.

Oliveira (2004, p. 39) disserta sobre a criação de novas “lexias” (onde também se encaixam as expressões) como a representação da necessidade de definir e expressar o pensamento sobre aquilo que não dispõe de signo, símbolo ou palavra, embora não se afastem das regras morfossintáticas da língua em questão. As novas expressões, no entanto, permanecem na língua (ou não) a partir da ocorrência delas na fala dos usuários.

Há estudiosos que defendem, também, que as EI se configuram como tal somente quando são memorizadas pelas comunidades que as utilizam. Para Bechara (2009, p. 28), as expressões fazem parte do chamado “discurso repetido”, que abarca tudo aquilo que se repete numa comunidade e acaba por se fixar nela.

(...) as **EI** são memorizadas ao invés de serem geradas, porque são *fixas*. Suas interpretações e funções não são previsíveis por pessoas que apenas conhecem a gramática e vocabulário de uma língua; são adquiridas numa associação com as situações em que seu uso é apropriado. (GONZALES, 2006, p. 53)

Utilizar-se da Semântica de Contextos e Cenários para pesquisar e tratar os dados colhidos durante a pesquisa, portanto, é conseguir entender sobremaneira as escolhas lexicais das comunidades e os sentidos que são atribuídos às EI, seguindo o Princípio da Especialização dos Sentidos – PES, explicado na seção anterior.

Com essas informações referenciais da teoria que embasou este trabalho, cabe informar que as EI colhidas para tal estão divididas em três grandes grupos, quais sejam:

- 1) Dados literários: nas obras *Elói Mendes ontem e hoje: os “causos e casos” que a Mutuca não conta mais* de Francisco Carlos Figueiredo (2015) e em *Vocabulário rural sul-mineiro* de João Alves Pereira Penha (1976);
- 2) Dados orais colhidos em entrevistas formalmente organizadas;
- 3) Dados orais espontâneos colhidos sem contato formal com os falantes, apenas a partir de anotações de campo no cotidiano do pesquisador;

O tratamento meticuloso de todos os dados colhidos foi indispensável, pois, em muitos casos, os dados literários são inventados ou alterados para serem usados como forma de humor.

Os casos de dados orais podem, também, ser bastante imprecisos, porque muitas vezes as falas em entrevistas são corrompidas pelo monitoramento dos falantes. É comum que as pessoas dissimulem suas falas por medo de fugirem às “regras”, principalmente as pessoas de idade avançada, pois tendem a pensar que sofrerão preconceito ao dizer coisas consideradas não formais.

Bagno (2009, p. 45) defende a importância da honestidade do linguista, pois é preciso que reconhecer que “qualquer falante de uma língua é o melhor gramático que existe”, e neste processo de ‘entrevista’, é preciso que existe uma aproximação do falante para que a chamada *cápsula narrativa* (CALDAS, 1999, p. 99), que assume que

'não há regras infalíveis' (1967:16) para uma entrevista, principalmente porque acontece no patamar do complexo, do diálogo, abrindo margem somente a maneiras gerais de se comportar e de estar, o que bachelardianamente Meihy chama de 'aberto ao aconchego, à confiança e ao respeito'. Garret confirma isso dizendo que a entrevista envolve '...uma relação mais íntima e sutil entre seres humanos do que pode parecer à primeira vista' (1967:16), fazendo-nos recordar Elizabeth Burgos quando diz que esse contato 'despierta en nosotros sensaciones y sentimientos' (1987:10), colocando a entrevista em patamar diferente de uma simples técnica, pois envolve '... uma comunicação entre duas pessoas.' [...] é um método de cordialidade, um método de fazer perguntas com o único objetivo de compreender." (Garret, 1967:18,74). (Caldas, 1999, p. 99)

Caldas (1999) ainda contribui para a temática, defendendo que o ‘entrevistador’ não interfere no processo de entrevistas ou de diálogos (como é este caso), pois todas as informações são acrescentadas posteriormente, caso sejam necessárias.

Segundo Delgado (2010), o entrevistador deve manter-se neutro, e não demonstra maiores emoções, mas também deve cultivar a flexibilidade e ser disponível para as mudanças que possam acontecer *in loco*, tendo as vezes que “rever roteiros, acrescentar questões e evitar assuntos, quando a dinâmica das entrevistas assim o indicar” (DELGADO, 2010, p. 23).

O mesmo autor ainda vai contribuir para o processo de transcrição, que demanda muito cuidado e rigor, pois assim como Meihy (1991, p. 30) define, a transcrição é “a passagem fiel do que foi dito para a grafia”.

É importante que este processo seja atravessado pela sensibilidade quanto às informações fornecidas pelos indivíduos, pois "nossa grande busca é pelo *sentido do outro*, por seu *significado social*, por sua *integridade vital*, não somente por pretensas palavras fiéis." (CALDAS, 1999, p. 105). Torna-se imprescindível reconhecer também que, conforme Bagno (2009, p. 46), todas as gerações de falantes contribuem para o lento e gradual processo de "transformação-reajuste-renovação" da sua língua.

5. Metodologia

A pesquisa foi realizada entre agosto/2015 e agosto/2016, buscando-se pelos escassos registros literários que pudessem contribuir com a busca por EI e na coleta de dados orais de expressões idiomáticas utilizadas pelo povo eloiense.

Esses dados foram obtidos nas falas espontâneas de pessoas que moram em Elói Mendes-MG e também em conversas com pessoas mais idosas. Nos diálogos, percebe-se um amontoado de expressões diversas – talvez pelo pouco conhecimento de uma diversidade de palavras advindas de populações de baixa escolaridade, as quais costumam preservar mais as falas regionais típicas. É importante lembrar, no caso dos dados orais, que

são mais complexos, pois exigem interação, e a interação, quase sempre, interfere nos resultados da produção oral. A interação nessas situações sempre estabelece uma situação de tensão (...). Assim, deve-se considerar que sempre haverá distorção na produção do dado em situação formal de pesquisa se comparado a um dado espontâneo. (FERRAREZI JUNIOR, 2018, p. 40)

Além das pesquisas orais, foi encontrado um estudo linguístico realizado num bairro rural de Elói Mendes nos anos 1970. João Alves Pereira Penha, doutor em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca, tinha um vasto material de pesquisa sobre o português rural. O autor realizou trabalhos fonéticos e dialetológicos da maneira de falar do português do Brasil e duas de suas obras – *Vocabulário Rural Sul-Mineiro* e *Aspectos da linguagem de São Domingos* – são enfocadas no falar de São Domingos, conhecido bairro rural de Elói Mendes.

O *Vocabulário Rural Sul-Mineiro*, publicado em 1976, contém mais de 600 expressões atribuídas ao povo morador do bairro eloiense São Domingos. Entretanto um único artigo encontrado conta com uma pequena parte dos vocábulos colhidos pelo autor. Nesse vocabulário, segundo Penha (1976, p. 97), “aparecem termos e expressões peculiares à região, mas talvez a maioria seja de uso geral, sendo o seu aproveitamento baseado na grande frequência do seu emprego nessa parte do Sul de Minas”.

Os verbetes foram listados e apresentados a alguns cidadãos eloienses para confirmar sua veracidade, afinal de contas, como afirma Liska (2011), devemos analisar também a compreensão dos participantes do discurso como fator importante

para a produção dos sentidos das palavras, pois essa produção envolve mudanças e perspectivas devido à formação cultural, social e linguística dos enunciadores.

Temos, também, a obra *Elói Mendes ontem e hoje: os “causos e casos” que a Mutuca não conta mais* de Francisco Carlos de Figueiredo, professor de História e comendador da cidade de Elói Mendes. Trata-se de um apanhado histórico de muita relevância para a população eloiense, pois contém um vasto número de fotografias e informações importantes da cidade.

Dentre as informações do livro, o autor afirma que muito observou o vocabulário dos cidadãos e decidiu listar alguns que parecem mais peculiares. Três páginas de sua obra foram destinadas a algumas expressões, confirmadas por cidadãos de Elói Mendes. A curiosidade do autor em listar expressões ouvidas entre os cidadãos eloienses acontece, como assumem Ferrarezi Júnior e Novais (2015, p. 4), porque as expressões idiomáticas são o produto de um conjunto de processos bastante produtivos em qualquer comunidade de falantes, estabelecendo traços morfossintáticos muito próprios que passam a atuar como elementos diferenciadores daquela comunidade, ou seja, como marcas identitárias. O estudo de Gonzales (2006) acrescenta que

(...) podemos entender as **EI** como expressões que fazem parte não apenas da língua, mas da cultura, do folclore de um povo. Produto da lógica do homem, retratam crenças, ensinamentos, sabedoria, moral, costumes; são lexicalizadas e utilizadas tal qual se apresentam e mais, não podem ser analisadas apenas por sua forma ou só pelo sentido, mas sim pela relação entre ambos. Não se confundem com os tipos de expressões apresentadas. (GONZALES, 2006, p. 63)

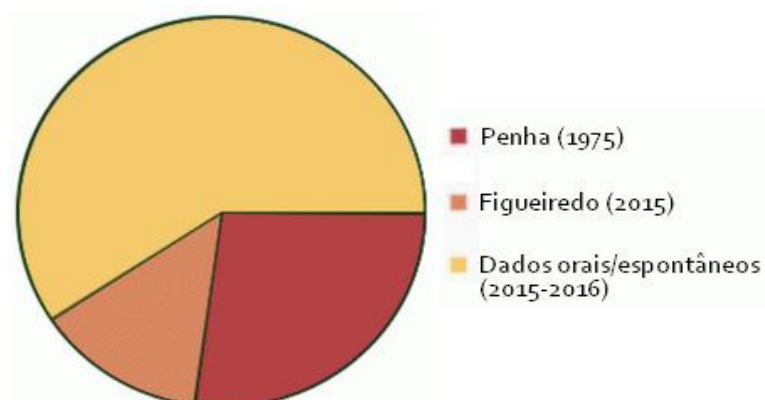
Além de todo o apanhado de expressões, as entrevistas e as falas espontâneas das pessoas, houve a necessidade de examinar a possível dicionarização das expressões colhidas. Nessa fase da pesquisa, interessam somente expressões próprias e reconhecidas pelo povo eloiense, sem formalizações ou que sejam comuns a outros públicos.

As expressões foram colhidas no período de um ano, variando entre dados orais espontâneos, entrevistas e revisão da escassa bibliografia disponível. Foram coletadas mais de duzentas expressões. Após certificar as expressões que ainda não foram dicionarizadas, restaram sessenta e oito EI para este estudo, das quais treze serão expostas aqui como amostra de resultados.

Os quadros apresentados são próprios da metodologia da Semântica de Contextos e Cenários, que contém informações precisas e indispensáveis para a

compreensão dos dados. Abaixo, apresentamos um gráfico em que se demonstra o quantitativo de expressões colhidas por fonte:

Figura 1 - Gráfico de expressões idiomáticas coletadas.



6. Resultados obtidos

Passemos, portanto, a uma amostra das EI compiladas durante a pesquisa:

Quadro 1: *Lavar a pôrda*

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Lavar a pôrda</i>	Consta na pag. 351 da obra de Figueiredo (2015)	“Desta vez, quem ganhar o bolão vai <i>lavar a pôrda</i> .”	Concorrentes de uma aposta em dinheiro comentando sobre o valor elevado do prêmio em questão.	Ganhar algo muito bom, um bom prêmio, uma boa quantia em dinheiro, dar-se bem, ser bem sucedido em algo, alcançar situação de fartura. “Pôrda” é uma égua nova, de boa aparência. Lavar a pôrda equivale à expressão nacional mais conhecida “lavar a égua”.

Essa expressão encontra-se no livro de causos do “Tio Carlin” (FIGUEIREDO, 2015). De acordo com os cidadãos eloenses, alguém que “lava a pôrda” é alguém de muita sorte, que lucra em alguma situação, ganha algum prêmio, leva vantagem, ou simplesmente “dá sorte”, confirmando a definição de Figueiredo (2015, p. 353) para tal expressão. Todas as pessoas que a reconheceram responderam exemplificando com situações como “ganhar na loteria” ou “receber uma boa indenização em dinheiro”, encaminhando o sentido para algo predominantemente financeiro. Foram encontrados registros de sinônimos como “lavar a égua” ou “lavar a jega”. “Pôrda” pode ser uma corruptela de “potra”, égua nova.

Quadro 2: Sorardo

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
Sorardo (ser/estar um sorardo)	23 jun 2016: conversa entre amigos.	<i>“Nossa hoje eu tô um sorardo porque tá frio demais”</i>	Funcionário chegando em seu local de trabalho reclamando do clima frio.	Exageradamente agasalhado; com muitas blusas de frio;

Essa expressão é um dado oral espontâneo de junho de 2016, no início do inverno do ano em questão. A falante queixou-se com um colega de trabalho de estar muito *sorardo* por causa do frio. Quando questionada, a informante disse que Sorardo (Sr. Oraldo) foi um senhor bastante conhecido na cidade de Elói Mendes, que sempre estava frente à venda de que era proprietário (próxima à rodoviária da cidade) vestindo casacos de inverno. Por estar sempre exageradamente agasalhado, não importando se estivesse frio ou calor, a expressão se naturalizou representando alguém que exagera na quantidade de vestimentas inverniais. Desde então, as pessoas são apelidadas de *sorardo*, quando estão excessivamente agasalhadas.

Quadro 3: Sarandi

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
Sarandi	12 jan 2016: conversa entre colegas de trabalho.	<i>“Vou pegar nesse sarandi e dar um jeito já já.”</i>	Colegas de serviço simulando um desentendimento, em que um ameaça arrumar o cabelo crespo do outro.	Cabelo crespo; cabelo armado;

Essa expressão é um dado oral espontâneo de janeiro de 2016. No trabalho, dois colegas trocam ofensas de brincadeira e, entre elas, a palavra *sarandi* aparece ao referir-se ao cabelo crespo de uma das pessoas em questão. Ao ser questionada, a enunciadora diz que sempre ouviu os pais usarem essa expressão e, então, ela faz parte de seu vocabulário também. Embora sem saber o significado mais corriqueiro da palavra, ela usava com referência ao cabelo crespo. Em entrevista com um idoso, descobre-se que o *sarandi* é uma árvore que possui folhas em formas desalinhadas, proporcionando grande voluptuosidade a copa destas árvores. Realizamos ainda

consulta em dois dicionários de língua geral para confirmar a existência do sentido dessa palavra com referência à planta, o *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa* (2005) e o *Dicionário Aulete*, online, da Lexikon Editora Digital:

sarandi

Substantivo masculino. Bras.

1. Bot. Arbusto euforbiáceo (*Phyllanthus sellowianus*) que atinge até 2,5m, de folhas oblongo-lineares; flores pequenas, unissexuais, organizadas em longos racemos, e frutos que são cápsulas mínimas e globosas; sarã (FERREIRA, 2010).

(sa.ran.di)⁴

sf.

1. Angios. Nome comum de diversas plantas da fam. das euforbiáceas.

2. Angios. Pequena árvore (*Phyllanthus emblica*), nativa da Ásia tropical, cultivada pela madeira e pelos frutos, ricos em minerais e vitamina C.

3. Angios. O fruto dessa árvore.

4. RS Angios. Arbusto grande (*P. sellowianus*), natural do Brasil.

5. Angios. Arbusto (*Sebastiania angustifolia*) natural do Brasil, de folhas lineares e flores em espiga, e cuja madeira é us. como cerca viva ou lenha; salgueiro-bravo.

6. PA Pequena ilha cheia de pedras.

7. S Terra estéril; maninha.

[F.: Do tupi.]

Daí, podemos inferir que a expressão *sarandi* se refere ao volume e a forma desgrenhada da copa, que se assemelha às formas do cabelo crespo.

Quadro 4: *Passar na pinguela*

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Passar na pinguela</i>	6 jul 2016: conversa entre amigos.	<i>“Amigo, acho que ele passa na pinguela, né? Não é tão ruim assim.</i>	Amiga questionando o amigo sobre a beleza de seu namorado.	Ser aprovado fisicamente; beleza mínima; dar conta de alguma coisa; ser aceitável em razão de algum critério específico.

Essa expressão foi colhida em um ambiente informal, numa conversa entre dois amigos, quando conversavam sobre a aparência do namorado de um deles. Como não se trata de alguém que segue um padrão de beleza, que tenha traços formosos ou que atraíam imediatamente a alguém, levanta-se a questão: “ele passa na pinguela, não passa?”, ou seja, se trata de alguém aceitável em relação a esse critério,

⁴ Disponível em < <http://www.aulete.com.br/sarandi> >, acesso em 10 abr 2017.

pois ele não é alguém tão feio assim, é uma pessoa comum, que fica entre o feio e o bonito.

Consultamos as definições de ‘pinguela’ nos dois dicionários utilizados neste trabalho:

pinguela

Substantivo

feminino.

1. Tronco ou prancha que serve de ponte sobre um rio.
2. Pauzinho com que se arma o laço para apanhar aves; pinguelo.
3. Gancho com que se armam ratoeiras (FERREIRA, 2010).

(pin.gue.la) [é]⁵

sf.

1. Ponte tosca sobre um rio, feita de pedaços de pau ou de um só tronco
2. Pauzinho ou gancho us. para armar ratoeiras, armadilhas, arapucas; PINGUELO

[F.: Posv. de *pingar*.]

Como podemos observar em algumas das definições encontradas, “pinguela”, na qualidade de uma ponte improvisada, rústica e de construção temerária sobre um riacho ou vale (muitas vezes, apenas um pedaço de pau estendido sobre a área a ser transposta) é um teste de transposição no meio do caminho. Nem todo mundo dá conta de atravessar uma pinguela ou responde às exigências do desafio sem cair. Assim, “passar na pinguela” é atender a algum critério minimamente, é ficar na média, no suficiente, sem a necessidade de surpreender positivamente, ao mesmo tempo sem decepcionar.

Quadro 5: *Bater e valer*

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Bater e valer</i>	22 jul 206: conversa entre amigos.	<i>“Isso aí é só bater e valer que já tá pronto.”</i>	Explicação sobre o cozimento de um prato.	Pequeno instante de tempo; pronto em poucos minutos;

Informalmente, numa conversa entre amigos, a respeito de um trabalho que provavelmente é feito rapidamente, um dos interlocutores usou a expressão “bater e valer”, com o sentido de algo rápido, prático e fácil. Essa expressão remete à

⁵ Disponível em < <http://www.aulete.com.br/pinguela>>, acesso em 10 abr 2017.

praticidade de alguma atividade, que será executada rapidamente, por se tratar de algo descomplicado.

Uma das possibilidades mais evidentes para a origem da expressão está na prática infanto-juvenil de bater figurinhas (bater “bafo”, em algumas regiões) “a valer”, ou seja, de forma que um possa ganhar as figurinhas de outro (já que o jogo pode ser jogado “valendo” ou só de “brinca”, ou seja, só para diversão, sem que ninguém perca suas figurinhas). É um jogo rápido, uma brincadeira rápida, por exemplo, praticada nos recreios das escolas básicas. E o ato de bater as figurinhas também é rápido. Provavelmente daí a ideia de “bater e valer”.

Quadro 6: *Cagar na couve*

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Cagar na couve</i>	30 mai 2016: conversa entre colegas de trabalho.	<i>“Tava indo tudo certo, mas ele cagou na couve.”</i>	Moça contando sobre o primeiro encontro com um rapaz.	Estragar tudo arruinar; prejudicar;

Em conversa informal, dois colegas de trabalho conversam sobre o primeiro encontro de um deles. A mulher, casada há 15 anos, contava como fora o primeiro encontro dela com o seu paquera, que veio a ser seu esposo. A interlocutora contava que estava indo tudo muito bem, mas no que se refere ao primeiro beijo do casal, a experiência foi negativa. Ela estava gostando do rapaz, mas o beijo não foi bom e, portanto, estragou o que havia de positivo no encontro. Disse que estava indo tudo bem, até que o rapaz “cagou na couve”. Infere-se que essa expressão seja depreciativa e nomeia um erro grave, uma falha. Ao acontecer, estraga tudo de positivo que antes havia acontecido.

Deve-se notar que a couve é, provavelmente, a mais comum e popular das verduras da alimentação mineira. Certamente, ela disputa popularidade nos pratos cotidianos com outros dois vegetais: o quiabo e o jiló. Como acompanhante da feijoada, do ovo frito e do arroz com feijão diários, e com a facilidade de sua produção em qualquer pedacinho de terra, ela habita a maioria dos quintais simples de Minas Gerais e participa quase que cotidianamente da alimentação, especialmente, nas áreas mais rurais. Assim, qualquer forma de danificar ou sujar a couve implica um

estrago significativo na alimentação cotidiana, ou seja, algo que realmente incomoda um mineiro.

Quadro 7: *Carne de apá*

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Carne de apá</i>	Consta na pág. 110 da obra de Penha (1976).	<i>“O papai não paga hotéis; ele é carne de apá.”</i>	Descrição feita pela filha sobre as características de seu pai.	Avarento;

Penha (1976) traz a expressão "carne de apá" com sentido de 'avareza'. É a expressão usada para nomear aquele que é apegado ao dinheiro, "pão duro". Descobrimos entre as entrevistas que a EI "carne de apá" refere-se àquele que é uma pessoa enjoada, difícil, complicada. Consultamos a definição de “apá” no Dicionário Aulete⁶ e constatamos a seguinte definição:

apá ² s. m. || (Bras., São Paulo) (pop.) Pá (das reses).

Por sua vez, “rês” referencia qualquer quadrúpede usado na alimentação humana. É, portanto, a pouca carne do “ombro” (pá) do animal. Assim, aproxima-se muito da expressão "carne de pescoço" que, por ser uma carne envolvida entre ossos estreitamente ajustados, é difícil de ser alcançada. "Carne de apá" é usada como adjetivo de avarento, mas estende-se também que são pessoas consideradas complicadas e de difícil convívio.

Quadro 8: *Colocar o bêbado pra vomitar*

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Colocar o bêbado pra vomitar</i>	16 dez 2015: conversa informal entre amigos.	<i>“Mas ele não foi esperto uai... Colocou o bêbado pra vomitar...”</i>	Amigos comentando sobre a surpresa da paternidade de um amigo.	Gozar; ejacular;

Em conversa informal, amigos comentam sobre a suposta ignorância de um terceiro amigo que viria a ser pai. Durante a conversa, um dos amigos respondeu que

⁶ Disponível em <http://www.aulete.com.br/ap%C3%A1>, acesso em 10 abr 2017.

existem vários métodos contraceptivos e que, na era da globalização, não há mais justificativas para se engravidar "inesperadamente". Em seguida, o outro colega disse que ele não foi esperto, pois "colocou o bêbado para vomitar". Portanto, a expressão "colocar o bêbado para vomitar" remete metaforicamente à ejaculação masculina que finaliza o ato sexual.

Quadro 9: *Cortar um doce*

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Cortar um doce</i>	17 jun 2016: conversa entre colegas de trabalho.	<i>"Diz ela que cortou um doce pra fazer a tarefa de ontem."</i>	Professora falando sobre a dificuldade da aluna.	Passar por dificuldade; pelejar;

Em dia de trabalho, o corpo docente de uma escola reuniu-se no intervalo e, como de costume, compartilharam as experiências de sala de aula. Uma das professoras comentava que o aluno mais agitado da sala era, também, um dos mais inteligentes e sempre terminava as lições antes do restante da turma. A professora lhe deu uma atividade de nível mais avançado e o aluno, por sua vez, não conseguiu terminar em sala de aula.

A mãe do menino, no outro dia, disse que o garoto teve muita dificuldade para executá-la, mas tentou até conseguir. A professora usou a expressão "cortar um doce" para se referir a essa dificuldade do aluno. "Cortar um doce" significa ter muita dificuldade, passar por uma situação complicada, que exija muita dedicação.

Essa expressão é fácil de entender se visualizamos os doces tradicionais de Minas Gerais, especialmente a famosa goiabada cascão, popularmente consumida com o queijo branco. Trata-se de um doce realmente duro e grudento, que não é nada fácil de ser cortado se não tivermos uma boa faca. Primeiramente, não adianta tentar serrilhar o doce, pois a faca não corre. Depois, a pressão necessária na faca para cortar um pedaço de goiabada cascão é tão grande que chega a exigir as duas mãos. Daí a ideia básica de "dificuldade" que a expressão traz.

Quadro 10: *Égua atrás do toco*

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Égua atrás do toco</i>	3 jun 2016: conversa entre colegas de trabalho.	<i>"Hoje essa daí acordou com a égua atrás do toco."</i>	Funcionários comentando sobre as atitudes de uma colega.	Nervoso; irritado;

Logo na portaria do trabalho, dois colegas conversam sobre a fisionomia negativa de uma terceira colega no referido dia. Ela estava aparentemente estressada e irritada por algum motivo e, por isso, um dos interlocutores disse que ela havia acordado "com a égua atrás do toco". Essa expressão confirma-se pela própria definição do falante, que disse que isso significava "estar nervoso, estressado, irritado".

A expressão é uma construção impressionista da imagem de um equino nervoso que se esconde atrás de um toco para atacar um passante. Essa imagem é comum nos ambientes rurais e se repete com equinos e bovinos. Esses animais, quando nervosos, têm o comportamento de se posicionar atrás de árvores ou mesmo de mourões de cerca, como se estivessem se protegendo de algum perigo, geralmente com as orelhas viradas para trás em demonstração de defesa, antes de atacar. Portanto, a cena montada remete a um evento rural conhecido em que um equino (a égua em questão) demonstra clara irritação com algo ou com alguém.

Quadro 11: *Muntar no porco*

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Muntar no porco</i>	Consta na pág. 351 da obra de Figueiredo (2015)	<i>"Eu avisei antes e mesmo assim ela muntô no porco."</i>	Um rapaz falando com outro sobre a filha que foi traída pelo noivo.	Se deu mal, levou a pior, vacilou...

Figueiredo (2015) assume que a expressão "muntar no porco" equivale a "pisar na jaca". O 'montar' sofre interferência da oralidade e do falar caipira, e a referência ao porco confirma a hipótese de que essa expressão provavelmente tem origem rural. Aquele que "munta" no porco é aquele que se dá mal. Ao conversar com entrevistados, a hipótese mais comum é a de que a reação do porco ao receber

alguém montado em suas costas faz com que o montador caia ao chão. Daí, imagina-se que a expressão "Muntar no porco" é certeza de se dar mal.

Quadro 12: *Trepar na arma*

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Trepar na arma</i>	14 dez 2015: conversa entre colegas.	<i>"Diz que o presidente da câmara trepou na arma na última reunião, né?"</i>	Professores comentando sobre a última reunião da câmara de vereadores.	Ficar estressado, irritado; perder as estribeiras;

Em rápida conversa sobre a política do município de Elói Mendes, duas colegas falavam sobre a última reunião da câmara de vereadores do município. No episódio, houve discussões acirradas e percebeu-se que o presidente da câmara se encontrara visivelmente alterado, gesticulando agressivamente e gritando. Enquanto comentavam, uma das enunciatóricas disse que o vereador havia "trepado na arma". A expressão "tregar na arma" significa se exaltar, se irritar. Aquele que "trega na arma" é o que se encontra estressado, irritado.

A expressão permite uma relação com armas antigas, inclusive canhões, que tinham um "coice" muito expressivo em função do tipo de carregamento que era exigido, com pólvora seca a granel dentro do cano. Isso fazia com que a arma disparasse sem direção, a menos que o usuário "trepasse na arma" para lhe dar estabilidade. Provavelmente, venha daí a ideia de que "tregar na arma" equivale a "preparar-se para atirar", uma referência óbvia a estar/ficar visivelmente nervoso.

Quadro 13: *Véia debaixo da cama*

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Véia debaixo da cama</i>	2 dez 2015: durante o horário de lanche de professores.	<i>"... ela não concordou com o que eu disse! Ô veia debaixo da cama!"</i>	Amigas comentando sobre a conversa entre as avós de um menino.	Velha chata, rabugenta, insuportável...

A situação se deu quando a avó de uma criança tinha procurado uma professora para saber sobre um acontecido na escola. Em suma, a professora esclareceu os fatos e justificou sua reação, mas a senhora insistiu que a atitude dela fora

equivocada. Diante disso, a professora exclamava que a avó da criança não havia concordado e se referia a ela como “velha debaixo da cama”, como um sinônimo de velha rabugenta, teimosa e insuportável.

Nesse caso, é fácil imaginar duas situações comuns em que uma “velha debaixo da cama” seria uma velha rabugenta: 1. quando a velha se esconde debaixo da cama para não receber os cuidados da família (por exemplo, remédios ou banho); e 2. quando uma velha (sogra) se esconde debaixo da cama para vigiar a vida dos outros. Nos dois casos, podemos imaginar que uma pessoa idosa que agisse assim seria considerada inconveniente. Os dois casos possíveis justificam culturalmente a construção e o uso da expressão.

Pretendemos confirmar que os dados registrados dessa maneira, nos moldes da SCC, permitiram uma compreensão mais completa de como e por que seus sentidos foram atribuídos da forma que foram. Além disso, permitiram a comparação da atribuição de sentidos nos respectivos âmbitos discursivos, ou seja, a identificação de padrões de atribuição de sentidos na relação [sinal < > contexto < > cenário]. Defendemos que o campo da SCC extrapola os limites da produção linguística e investiga como a dimensão cultural, extralinguística, interfere na construção e associação de sentidos, e esse foi o principal motivo para a escolha dessa teoria para a análise dos dados.

Investigar as características da fala de pessoas com idades, vidas e experiências diferentes, remete-nos à diversidade cultural que cada comunidade possui (RIBEIRO, 2010, p. 35). Procurar por expressões idiomáticas é esclarecedor nesse sentido, pois a linguagem é completamente atravessada pela cultura, assim como a cultura é preservada principalmente através da linguagem [oral ou escrita].

Ao focalizar o enriquecimento vocabular de uma língua é imprescindível a presença das **EI**. Reconhecendo o contributo que essas expressões trazem ao léxico e à linguagem (...) considerando as **EI** como decorrentes de processos cognitivos - metáfora, comparação e analogia - que indicam formas de se ver e de se conceber a realidade. Logo, expressam representações sociais e manifestações culturais, revelando a identidade de um povo (...) (GONZALES, 2018, p. 43)

Ribeiro (2010) discorre sobre o léxico regional, que é um recurso social para expressar aquilo que seus falantes necessitam. A autora diz ainda que o vocabulário

regional sofre de manutenções, variações, renovações e expansões lexicais a partir das necessidades linguísticas do povo, que conserva alguns vocábulos, cria outros, recria expressões e incorpora palavras, o que reforça a ideia de dinamismo no processo de comunicação.

Com este trabalho, esperamos mostrar que o estudo das EI da cidade de Elói Mendes é uma maneira de manter viva e registrada parte da afortunada herança sociocultural do município, o que só faz comprovar a mutabilidade do léxico por causa da cultura – mutabilidade esta que é percebida na interação social, que se utiliza de um conjunto de palavras e expressões comuns a uma determinada comunidade linguística.

7. Considerações Finais

A importância de se registrar as EI soma-se ao fato de que se faz necessário preservar o patrimônio linguístico que acaba se deteriorando por vários motivos – em especial devido às tecnologias de comunicação, que dotaram a nova sociedade de uma linguagem muito específica, distanciando-se das formas e características da linguagem das gerações antigas. Existem aspectos (neste caso, falando diretamente das EI) que são importantes para a caracterização de um povo e a língua é um dos grandes mecanismos que comprovam essa identidade.

Além disso, este estudo fez parte de um projeto maior que é a construção do Dicionário Sul-Mineiro de Expressões Idiomáticas e que, vinculado ao *GPLin*, investiga elementos que caracterizem os falares regionais das cidades do Sul de Minas e pretende contribuir com a preservação da chamada “herança linguística” que os mais idosos detém.

É importante observar que, quando não há registros oficiais desses elementos, que muitas vezes só aparecem na oralidade, não há patrimônio linguístico identitário. A língua só assume aspecto identitário em uma comunidade por suas diferenças. Se todos de todas as comunidades falarem igualmente, não haverá identidade regional ou local a preservar. Assim, os mais idosos morrem e, com eles, essa herança perde forças, fica menos frequente (geralmente se reduz ao contexto familiar) e acaba por se perder diante das novas configurações de linguagem das novas gerações.

Certamente, esta é uma das mais significativas facetas deste trabalho com o léxico do falar regional de Elói Mendes: valorizar a cultura e a linguagem das comunidades e a formação sócio-histórica do falar eloiense, constituído por pessoas de variadas origens determinantes para a construção da identidade do povo eloiense no aspecto linguístico.

8. Referências Bibliográficas

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BOLLELA, M. F. de F. P. **Resenha da obra 'Português rural de Minas numa visão tridimensional'**. Anais do II EDIP, Araraquara, v. 1, p 47-53, 2011.

CALDAS, Alberto Linds. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CORDEIRO, Maryelle. **Língua e cultura no Vale do Jequitinhonha: o léxico rural na região de Minas Novas**. Cadernos do CNLF, Vol. XV, nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2011. Disponível em: http://filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/165.pdf. Acesso em 25 jul 2016.

CUNHA, Aline Luiza da; FERRAZ, Aderlande Pereira. Expressões idiomáticas na sala de aula de língua materna: o tratamento dessas unidades lexicais no livro didático. In: ALVES, I. M.; JESUS, A. M. R. de; OLIVEIRA, L. P. de; PEREIRA, E. S. (Orgs.). **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas**. V. II. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidade**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **A pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários: princípios e aspectos metodológicos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.

_____. **Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

_____; NOVAIS, S. L. Ó. **Estudo do falar de Paraguaçu (MG) e Região: expressões idiomáticas**. (Entre Parênteses), v. 1, p. 66-86, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 5.ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FIGUEIREDO, Francisco Carlos. de. **Elói Mendes ontem e hoje: os “causos e casos” que a Mutuca não conta mais**. 2ª ed. Elói Mendes, 2015.

GONZALES, Margareth Vasques Falleiros. **As expressões idiomáticas: um processo de recriação**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

LISKA, Geraldo José Rodrigues. **Os sentidos lexicais de composições e expressões fixas no humor e na propaganda**. Cadernos do CNLF, Vol. XV, nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

NOGUEIRA, Luis Carlos Ramos. **A presença de expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros**. 2008, 249 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

PENHA, João Alves Pereira. **Vocabulário rural sul-mineiro**. Franca, p. 90-118. 1976.

_____. Aspectos da linguagem de São Domingos. **Alfa – Revista de Linguística**, p. 81-118. 1975.

RIBEIRO, Gisele Aparecida. **O vocabulário rural de Passos/Minas Gerais: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy**. 2010, 256f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-8TBNKY>. Acesso em: 25 jul 2016.

TAGNIN, Stella Ortweiler. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

9. Anexo

Este anexo único lista todas as expressões encontradas e analisadas no período de agosto de 2015 à agosto de 2016, devidamente dispostas no quadro metodológico da Semântica de Contextos e Cenários.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
Acesso	Consta na pág. 105 da obra de Penha (1976).	<i>“Da derradeira vez a Zinica ficou de acesso um tempão...”</i>	Lembrança sobre o último desmaio de Zinica.	Desmaio; síncope; esmaecimento;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
Acocho	Consta na pág. 105 da obra de Penha (1976).	<i>“Esse minino tá precisano dum acocho!”</i>	Alerta sobre o comportamento do menino.	Correção; corretivo; repreensão;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
Adiantado	Consta na pág. 106 da obra de Penha (1976).	<i>“Percebi que ele era um sujeito adiantado porque ele nem conhecia nós e já foi entrando para os quartos!”</i>	Relato sobre a visita de um sujeito à sua casa.	Intrrometido; atrevido; indiscreto; abelhudo;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
Adoececer	Consta na pág. 106 da obra de Penha (1976).	<i>“Amélia adoeceu em antes da parteira chegar e está aí esse menino corpulento.”</i>	Lembrança sobre o nascimento do filho de Amélia.	Deu a luz; pariu; conceber um filho;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
------	------------	----------	--------	---------

<i>Adonde</i>	Consta na pág. 106 da obra de Penha (1976).	<i>“Eu vi que eles não davam conta da colheita, adonde eu voltei para ajudar.”</i>	Relato sobre o auxílio prestado aos trabalhadores de campo.	Em razão disso; por isso;
---------------	---	--	---	---------------------------

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Adotar</i>	Consta na pág. 106 da obra de Penha (1976).	<i>“Filha minha não vai em baile porque eu não adoto essas coisas.”</i>	Advertência do pai sobre a pretensão da filha de ir ao baile.	Aceitar; permitir; concordar;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Afrissurado</i>	Consta na pág. 107 da obra de Penha (1976).	<i>“O papai sempre foi muito afrissurado. Café demora, ele não espera mesmo.”</i>	Descrição da impaciência do pai em esperar por algo.	Apressado; ansioso; impaciente;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Agardeço</i>	Consta na pág. 107 da obra de Penha (1976).	<i>“Eu queria dois. Um eu agardeço.”</i>	Recusa à oferta indesejada.	Recusar; dispensar;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Alongar</i>	Consta na pág. 109 da obra de Penha (1976).	<i>“Você não pega mais esse porco; ele alongou no mato.”</i>	Conversa entre trabalhadores de roça.	Desaparecer, sumir;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
------	------------	----------	--------	---------

<i>Arriado</i>	Consta na pág. 113 da obra de Penha (1976).	<i>“Não adianta falar com ele; o Chico é um sujeito arriado.”</i>	Reclamação sobre o comportamento de Chico.	Que não mede consequências; ignorante; cabeçudo;
----------------	---	---	--	--

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Avultado</i>	Consta na pág. 116 da obra de Penha (1976)	<i>“Não posso comer de noite, ainda jantei meio avultado.”</i>	Recusa para o jantar.	Excessivamente; além da conta;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Bater e valer</i>	22 jul 206: conversa entre amigos.	<i>“Isso aí é só bater e valer que já tá pronto.”</i>	Explicação sobre o cozimento de um prato.	Pequeno instante de tempo; pronto em poucos minutos;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Baxero</i>	10 jan 2016: conversa entre familiares.	<i>“Vai lavar esse baxero, minina.”</i>	Mãe repreendendo a filha preguiçosa, que não quer lavar o sapato.	Calçado sujo e exalando mal cheiro;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Brucutu</i>	18 dez 2015: conversa entre familiares.	<i>“Aquele dia ela levantou e quando foi ver... Brucutu!”</i>	Familiares relembando o desmaio da filha.	Desmaio; queda de alguém; tombo;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Cagou na couve</i>	30 mai 2016: conversa entre colegas de trabalho.	<i>“Tava indo tudo certo, mas ele cagou na couve.”</i>	Moça contando sobre o primeiro encontro com um rapaz.	Ferrar com tudo; estragar;
DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO

<i>Carne de apá</i>	Consta na pág. 110 da obra de Penha (1976).	<i>“O papai não paga hotéis; ele é carne de apá.”</i>	Descrição feita pela filha sobre as características de seu pai.	Avarento; pão duro;
---------------------	---	---	---	---------------------

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Chapuana</i>	17 dez 2015: conversa entre funcionários de escola eloiense.	<i>“Mas esse pai hein? Nem pra prender essa chapuana.”</i>	Professora comentando sobre o descaso do pai ao mandar a filha para a escola.	Cabelo armado; cabelo bagunçado, sem cuidados;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Colocou o bêbado pra vomitar</i>	16 dez 2015: conversa informal entre amigos.	<i>“Mas ele não foi esperto uai... Colocou o bêbado pra vomitar...”</i>	Amigos comentando sobre a surpresa da paternidade de um amigo.	Gozar; Ejacular;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Comprensado</i>	5 jan 2016: conversa entre familiares.	<i>“Vou pegar um desse comprensado aqui.”</i>	Parente dirigindo-se a mesa de salgados.	Salgado frito/assado recheado.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Cortei um doce</i>	17 jun 2016: conversa entre colegas de trabalho.	<i>“Diz ela que cortou um doce pra fazer a tarefa de ontem.”</i>	Professora falando sobre a dificuldade da aluna.	Passar por dificuldade; pelejar;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Cumeno buta</i>	30 nov 2015: conversa entre familiares.	<i>“Pelo jeito ela deve tá cumeno buta viu?!”</i>	Pessoas comentando sobre a situação financeira de uma conhecida.	Passando por uma dificuldade financeira; “Passando apertado”;
DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO

<i>Cuzido</i>	Consta na pág. 351 da obra de Figueiredo (2015)	“Seu irmão é tão esperto e você é tão cuzido...”	A professora chamando a atenção de seu aluno.	Aquele que é relapso, lerdo, devagar...
---------------	---	--	---	---

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Dá os ari</i>	Consta na pág. 113 da obra de Penha (1976).	“A Lena dá os ari da Anita do Jerônimo.”	Comparação entre Lena e Anita.	Dar os ares; ter semelhança; ser parecido com alguém;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Deita o queixo</i>	6 jan 2016: conversa entre professores.	“Aproveita que não tem ninguém vendo e deita o queixo.”	Colegas conversando discretamente sobre o restante do bolo que ficou sobre a mesa.	Aproveite; coma bastante; coma tudo;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Deu n'água</i>	Consta na pág. 107 da obra de Penha (1976).	“Vacê já ficou sabendo que o casamento da Dulce deu n'água?”	Pessoas comentando sobre o fim do casamento de Dulce.	Fracassou; não teve sucesso; deu errado;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Égua atrás do toco</i>	3 jun 2016: conversa entre colegas de trabalho.	“Hoje essa daí acordou com a égua atrás do toco.”	Funcionários comentando sobre as atitudes de uma colega.	Nervoso; irritado;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Enrolano na paia</i>	17 dez 2015: conversa entre mãe e filho.	“Para com isso, você tá me enrolano na paia.”	Mãe insistindo para o filho cumprir o que prometeu.	Enrolando; Ludibriando; Tapeando;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
------	------------	----------	--------	---------

<i>Ermo</i>	2 fev 2016: conversa entre colegas de trabalho.	<i>“Mas vai sobrar um ermo de comida.”</i>	Advertência sobre o excesso de comida que havia no local.	Exagero; excesso;
-------------	---	--	---	-------------------

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Êsquer</i>	5 dez 2015: conversa entre universitários eloenses.	<i>“Êsquer! Eu já tinha avisado pra não fazer! Bem feito!”</i>	Estudantes comentando sobre a atitude de um adolescente de Elói Mendes.	“Bem feito”; o mesmo sentido de “toma teu doce”;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Forfé</i>	6 jun 2016: conversa entre colegas de trabalho.	<i>“Eu soube que foi o maior forfé a reunião daquele dia”</i>	Colegas comentando sobre a reunião na câmara de vereadores	Bagunça; prosório;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Fui daí</i>	8 jan 2016: diálogo entre professora e aluno.	<i>“Eu vou chamar a diretora, quer ver? Fui daí, minino!”</i>	Professora repreendendo aluno levado.	Foge daí; Sai daí;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Invernar</i>	20 jul 2016: conversa entre colegas de trabalho.	<i>“Mas aí ele invernou em tomar cerveja e lá ficou a noite toda.”</i>	Esposa explicando o motivo da briga com o marido.	Encabular; encasquetar; teimar;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
------	------------	----------	--------	---------

<i>Istoporô</i>	Consta na pág. 351 da obra de Figueiredo (2015)	“Saiu na chuva sem camisa e istoporô.”	A esposa debocha do marido que voltou da rua com o rosto torto.	Levou choque térmico, virou a “cara”...
-----------------	---	--	---	---

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Lavar a pôrda</i>	Consta na pág. 351 da obra de Figueiredo (2015)	“Desta vez, quem ganhar o bolão vai lavar a pôrda.”	Concorrentes de uma aposta em dinheiro comentando sobre o valor elevado do prêmio em questão.	Ganhar algo muito bom, um bom prêmio, uma boa quantia em dinheiro...

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Mamparra</i>	4 jul 2016: discussão entre professora e aluno.	“Pode parar com essa mamparra e voltar pra sua sala agora.”	Professora repreendendo aluna teimosa.	Birra; teimosia;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Mantôr</i>	Consta na pág. 351 da obra de Figueiredo (2015)	“Hoje está tão frio que, além desta roupa, precisarei usar o mantôr.”	Colegas conversando enquanto escolhem suas roupas para sair.	Casaco de frio, comprido, feito de lã; Cobertor de lã para o inverno.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Mijar de golinho</i>	5 jun 2016: conversa entre amigos.	“A gente passava ali na praça e as menina mijava de golinho.”	Homem comentando sobre fatos de sua juventude.	Sentir-se atraída; desejar;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
------	------------	----------	--------	---------

<i>Móia móia</i>	6 jan 2016: conversa entre professoras.	<i>“Brenda, pega o móia móia pra mim?”</i>	Colega pedindo favor para a estagiária.	Borrifador de água para cabelos;
------------------	---	--	---	----------------------------------

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Muntô no porco</i>	Consta na pág. 351 da obra de Figueiredo (2015)	<i>“Eu avisei antes e mesmo assim ela muntô no porco.”</i>	Um rapaz falando com outro sobre a filha que foi traída pelo noivo.	Se deu mal, levou a pior, vacilou...

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Não tem artura</i>	Consta na pág. 109 da obra de Penha (1976).	<i>“Isso que ele está fazendo não tem artura.”</i>	Indignação sobre a maneira de alguém fazer alguma coisa.	Não tem base; Não tem cabimento;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Num fez nem pro café</i>	Consta na pág. 351 da obra de Figueiredo (2015).	<i>“Nossa, mas esse vereador num fez nem pro café...”</i>	Pessoas comentando sobre a atualidade política da cidade.	Não fez nem aquilo que lhe foi atribuído; Não fez nem a sua obrigação;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Passa na pinguela</i>	6 jul 2016: conversa entre amigos.	<i>“Amigo, acho que ele passa na pinguela, né? Não é tão ruim assim.”</i>	Amiga questionando o amigo sobre a beleza de seu namorado.	Ser aprovado fisicamente; beleza mínima;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
------	------------	----------	--------	---------

<i>Pregano na beija</i>	15 dez 2015: conversa em grupo de whatsapp.	<i>“Ela não responde porque deve tá pregano na beija.”</i>	Colegas conversando sobre a ausência de uma membra do grupo.	Estar beijando o namorado;
-------------------------	---	--	--	----------------------------

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Pulano sem baxero</i>	10 jan 2016: conversa entre familiares.	<i>“Ela vai continuar pulano sem baxero até quando?”</i>	Familiares conversando sobre alguém que quer manter a pose de “rica”.	Se “achando” sem condições; Teimando;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Racha o cambito</i>	5 jan 2016: discussão entre professoras.	<i>“Você me racha o cambito desse jeito!”</i>	Colega reclamando do esquecimento da outra.	Acaba comigo;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Réqui</i>	25 jul 2016: conversa entre amigos.	<i>“Hoje ela tava num réqui só. Só de olhar a gente já percebe!”</i>	Amigos comentando sobre o estado de outra amiga.	Ressaca; indisposição;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Sarandi</i>	12 jan 2016: conversa entre colegas de trabalho.	<i>“Vou pegar nesse sarandi e dar um jeito já.”</i>	Colegas de serviço simulando um desentendimento.	Cabelo crespo, armado;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Sargá</i>	12 dez 2015: conversa em grupo de whatsapp.	<i>“Depois que começou a sargá ela sumiu do grupo!”</i>	Colegas comentando sobre o início de namoro de uma amiga;	Aproveitar, desfrutar do namoro; carinho entre namorados;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
------	------------	----------	--------	---------

<i>Servajão</i>	Consta na pág. 351 da obra de Figueiredo (2015)	“Apesar de mais velho, o esposo daquela jovem é um <i>servajão!</i> ”	Duas senhoras conversando sobre o casamento que aconteceu no dia anterior.	Homem que continua em boa forma mesmo não sendo mais um jovem.
-----------------	---	---	--	--

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Só de bituca</i>	30 nov 2015: conversa entre familiares.	“ <i>Mas ele fica só de bituca esperando algum outro bobo...</i> ”	Pessoas comentando sobre a atitude de um conhecido.	“Só de olho”; Observando maliciosamente;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Tá morta a cocota!</i>	23 dez 2015: conversa entre familiares.	“ <i>Mas se for levar desse jeito, tá morta a cocota.</i> ”	Mãe opinando sobre a faxina feita pelos filhos em casa.	Ferrou; Lascou; Sinônimo de “fudeu”;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Toma teu doce</i>	11 dez 2015: salão de beleza em Elói Mendes	“ <i>Eu avisei que ia dar treta... Toma teu doce!</i> ”	Mãe repreendendo a filha desobediente.	“Bem feito”; o mesmo sentido de “ésquer”;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Trepar na arma</i>	14 dez 2015: conversa entre professoras eloienses.	“ <i>Diz que o presidente da câmara trepou na arma na última reunião, né?</i> ”	Professores comentando sobre a última reunião da câmara de vereadores.	Ficar estressado, irritado; Perder as estribeiras;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Trocar cebola</i>	6 jun 2016: conversa entre amigos.	“ <i>Eu acho que no fim a gente vai trocar cebola.</i> ”	Amigos comentando sobre a troca de governo.	Trocar por algo equivalente; “dar no mesmo”;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
------	------------	----------	--------	---------

<i>Véia debaixo da cama</i>	2 dez 2015: durante o horário de lanche de professores.	<i>“... ela não concordou com o que eu disse! Ô veia debaixo da cama!”</i>	Amigas comentando sobre a conversa entre as avós de um menino.	Velha chata, rabugenta, insuportável...
-----------------------------	---	--	--	---

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Vendendo azeite</i>	Consta na pág. 116 da obra de Penha (1976)	<i>“Na hora que ele devia de escorar, ele saiu vendendo azeite.”</i>	Observação sobre o comportamento inusitado de alguém.	Correndo; fugir com medo;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Vorta bobo</i>	5 dez 2015: conversa entre universitários eloienses.	<i>“Vorta bobo! Eu não faço isso de jeito nenhum!”</i>	Estudantes comentando sobre a atitude de um adolescente de Elói Mendes.	Tem sentido similar à “sai pra lá”, como que uma rejeição, negação, repulsa.

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Xereta do mei-dia</i>	11 dez 2015: horário de recreio de uma escola em Elói Mendes.	<i>“Xereta do mei-dia! Tira a mão do lanche do colega!”</i>	Professora chamando a atenção de um aluno;	Embusteiro; abelhudo; intrometido; bisbilhoteiro;

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	EVENTO	SENTIDO
<i>Zóio morteiro</i>	Consta na pág. 351 da obra de Figueiredo (2015)	<i>“A moça não resistiu ao zóio mortero do rapaz!”</i>	Pessoas comentando sobre um casal de namorados.	Olhos entreabertos observando fixamente algo ou alguém.